

**"ARANRUÊS", POR FREDERICO SILVA FARIA**

## ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

CAPÍTULO UM - ARANRUÊS - pg.1

CAPÍTULO DOIS - O INÍCIO - pg.14

CAPÍTULO TRÊS - ETERNO RECEIO - pg.26

CAPÍTULO QUATRO - ÁLIBI? SOLUÇÃO - pg.35

CAPÍTULO CINCO - FAVELA - pg.44

CAPÍTULO SEIS - MEIA TRANQUILIDADE - pg.55

CAPÍTULO SETE - SÔNIA - pg.60

CAPÍTULO OITO - A REVELAÇÃO - pg.67

CAPÍTULO NOVE - O MAIOR TRIUNFO. DÚVIDAS. - pg.78

CAPÍTULO DEZ - O SUSTO - pg.93

CAPÍTULO ONZE - A PRISÃO - pg.96

CAPÍTULO DOZE - PEDRINHO - A PONTA SOLTA - pg.102

CAPÍTULO TREZE - CONTENTAMENTO E TRISTEZA - PG.109

CAPÍTULO QUATORZE - DEPUTADO - PG.110

## CAPÍTULO UM

O sol nascia redondo e bem delineado no horizonte e com aquele vermelho alaranjado que permite que se preveja um dia de calor intenso naquelas paragens. O que era comum. Era dezembro. Ali fazia bastante calor, seja no verão, quando batia recordes, seja na época do inverno quando, embora o calor diminuísse, ainda era bastante quente ali. No entanto, era ali que ele morava e trabalhava. Ia assim, de certa forma, se acostumando com o clima e não adiantava reclamar.

Ao abrir a janela para verificar o dia que nascia, Aranruês não havia acordado totalmente. Estava ainda entorpecido pelo sono que desfrutara à custa de muitas doses de bebida alcoólica, forte, de engasgar quem não estivesse acostumado. Contudo Aranruês já estava acostumado a acordar e entrar no dia daquela maneira, ou seja, de ressaca. Com o passar das horas, com o café da manhã e demais atividades que deveria encetar, por certo antes do meio dia já estaria bem e teria esquecido da ressaca. E também, com toda certeza, teria esquecido das conversas da noite anterior. Se algo prometeu, babau. Não se lembrava...

Na noite anterior estivera até mais ou menos onze horas da noite, ou meia noite, não se lembrava ao certo, com os rapazes que também trabalhavam na fábrica. Eram todos conhecidos e bons camaradas. Os casados iam embora mais cedo, os solteiros, como Aranruês, ficavam até mais tarde e esforçavam-se para dar conta do estoque de bebidas...

Lembrava-se, vagamente, de ter tido uma conversa que, agora pela manhã, lhe parecia mais ou menos esquisita. Porém não conseguia lembrar-se inteiramente daquilo que havia sido conversado e se a conversa era pra valer ou coisa de momento e sob influência do álcool que consumiam.

Também não se preocupou muito com tal fato, pois que se algo havia sido dito e necessitava de algum prosseguimento, alguém viria falar-lhe novamente sobre o assunto. Era só manter-se calado e não procurar por desvendar tal conversa que ela voltaria através de alguém do grupo da noite anterior. Um daqueles que ficaram até mais tarde por serem solteiros. O que procurou fazer foi lembrar-se dos rapazes que haviam ficado após a saída dos casados... E nisso teve sucesso: Pedrinho, José Bento, Amarildo e Grupa. Isso ele tinha certeza.

Embora não se lembrasse dos detalhes da tal conversa, tinha certeza de que era algo relacionado com um serviço que deveria ser feito, uma ação não muito recomendada tendo como parâmetro a moral burguesa vigente. Até por isso, essa não recomendação, era sua intenção não procurar saber sobre a conversa da noite anterior, até que alguém, algum dos rapazes do grupo voltasse a falar com ele sobre ela. Se realmente fosse desejada sua participação, ou melhor, uma resposta sua sobre sua participação, sem dúvida alguém o procuraria.

Saiu de casa, não muito apressado pois que estava dentro do horário e deveria chegar no trabalho antes do relógio de ponto marcar sua entrada em vermelho, o que acontecia quando eventualmente se atrasava. Já havia tomado seu desjejum e

começava a debelar a ressaca. A caminhada até o trabalho também ajudava nesse mister.

Logo ao entrar no vestiário para colocar seu uniforme de trabalho, alguém veio a seu encontro. Pedrinho.

Pedrinho era carioca, estava trabalhando ali há apenas alguns meses. Era magro e não muito alto, por isso o diminutivo no nome. Sempre sorridente, novidadeiro e loroteiro, fazia amizades com todos.

- Como é Aran? --- foi a fala de Pedrinho --- Já podemos conversar seriamente? Tá lembrado da nossa conversa? --- Pedrinho ficou ali parado diante de Aranruês, esperando uma resposta.

- Bem, você precisa me fazer lembrar exatamente do teor da conversa que tivemos e sobre o que devemos decidir... Eu não me lembro de tudo. Eu ultrapassei meu limite ontem...

- Tudo bem. Na folga da hora do almoço vamos até o pátio e lá eu lhe relembro sobre o que falamos ontem à noite. Ok?

- Ok. Bom, a gente se fala... --- pensou Aranruês, a coisa se delineava exatamente como havia imaginado, Pedrinho viera procurá-lo a respeito da tal conversa da qual não se lembrava na sua inteireza. Tinha alguma idéia do que haviam conversado, mas seria bom voltar a falar sobre o assunto detalhadamente.

Como ficou estabelecido, na folga hora do almoço Aranruês ficaria a par de tudo. Não era pessoa curiosa, sabia conter-se quanto a isso. De modo que voltou sua inteira atenção para o

trabalho que deveria executar na fábrica, daí é que saia seu salário mensal, seu meio de vida.

Aranruês era considerado um bom funcionário, trabalhando sempre na procura de aperfeiçoar-se naquilo que lhe fosse designado. Por isso mesmo, imaginava por vezes, já estaria prestes a ser promovido, muito embora ele mesmo não soubesse oficialmente dessa intenção. Nada lhe haviam dito ou feito promessas nesse sentido. Porém ele próprio cuidava de sempre trabalhar bem, mantendo a esperança de ter seu trabalho, sua maneira de atuação reconhecida. Isso viria, cedo ou tarde...

Almoçou no refeitório da fábrica, uma refeição bem equilibrada e gostosa, o que lhe tomou não mais de quinze, vinte minutos e logo em seguida dirigiu-se ao pátio onde todos descansavam por meia hora mais ou menos. Sentou-se em um banco sob a sombra de uma árvore e, embora o calor já estivesse intenso, sob a sombra era suportável.

Não tardou ser procurado por Pedrinho que vinha acompanhado por Grupa. José Bento, que também estava com eles na noite anterior, não estava à vista ou por perto.

Pedrinho era funcionário novo na fábrica, teria vindo Rio de Janeiro e Aranruês não tinha maiores informações sobre o mesmo. Estava ali trabalhando por uns sete meses se tanto. Grupa já era mais velho no emprego. Quando Aranruês acertou esse emprego, já passados alguns anos, Grupa já lá estava, mas não fazia muito tempo.

- Já podemos conversar? --- perguntou Pedrinho, com Grupa atento ao seu lado ---

- Sim. Podemos...--- foi a resposta de Aranruês ---

- O conversado ontem a noite --- Pedrinho, nesse momento circunspecto, continuou --- foi sobre entrar no banco que fica no bairro alto, lá na avenida, e pegar a dinheirama que achamos que está no cofre. Em princípio você disse que topa, ontem. Como não sei qual era seu estado etílico ontem, e hoje pela manhã você disse que não se lembrava, estou repetindo agora.

- Se eu disse que topava, agora eu estou assustado com isso. -- realmente assustado, Aranruês, arrematou --- Não é do meu feitio tal procedimento...

- Eu Grupa e José Bento --- veio a resposta pronta de Pedrinho --- estamos de acordo em prosseguirmos com o plano. Só falta você se decidir. Se você se decidir e não topar, você nos cria uma situação embaraçosa, ruim mesmo.

- Preciso pensar no assunto. E muito. Depois eu dou minha resposta.

- Não demore muito porque dependemos de você para iniciarmos o planejamento de como fazer o serviço. Você é peça importante na operação e se não topa, temos que ver o que vamos fazer então...

- Tudo bem, eu dou uma resposta mais tardar daqui a dois dias...

Aranruês procurou não deixar transparecer seu total aturdimento com a situação, embora houvesse na noite anterior ouvido sobre o assunto que achou ser uma ação não recomendável. O que pretendiam os rapazes ultrapassava sua capacidade de absorção do real. No entanto, como prometera, deveria pensar sobre o assunto e voltar a falar sobre ele com os rapazes. Na realidade, o que queriam fazer era roubar um banco. Ele jamais havia pensado em fazer tal coisa. Não que fosse puritano e estrito legalista, simplesmente nunca havia imaginado ele mesmo participando de um feito dessa natureza.

Nessa noite não foi bebericar com os rapazes. Saiu do trabalho e foi para casa, direto e sem direito aos costumeiros aperitivos...

Morava sozinho num pequeno apartamento alugado, desfrutando de bastante comodidade e sossego. Tinha tudo que queria ali. O apartamento continha um quarto, uma saleta e uma kitchenette. O aluguel era razoável e ele não tinha dificuldade em pagá-lo pontualmente. Não era tão exigente a ponto de querer muito mais dinheiro que o que recebia de salário mensalmente, embora tivesse sempre pensando em melhorar de vida, sabendo que se promovido, aumento salarial também viria, e nunca havia pensado em dar um golpe como aquele de que falavam os rapazes que, pelo menos hipoteticamente, pudesse torná-lo rico, ou menos pobre.

Mas deveria pensar no assunto, como prometera, considerar os prós e os contras. Esse drama recém inserido em sua vida de roubar um banco o deixava pensativo. Que resposta daria?

Contudo, pensando em roubo, não podia deixar de associar seu pensamento a corrupção que estava sendo propalada nos meios de comunicação, corrupção essa que envolvia um sem número de autoridades e políticos do país. Eram milhões e milhões que foram roubados, desviados, subtraídos, enfim que haviam desaparecido dos cofres públicos, de uma forma ou de outra, engordando contas bancárias individuais escondidas nos mais diversos paraísos fiscais.

Tendo como pano de fundo essa situação, Aranruês deveria decidir sobre o assunto da conversa. Não era fácil. De um lado, sua formação totalmente contrária a participar de um roubo a banco, de outro lado, não podia deixar de perceber a existência concreta da roubalheira que imperava e a desfaçatez que parecia caminhar sem a menor punição. Isso dava-lhe como que uma espécie de desculpa adiantada para qualquer ato contrário a lei.

Era uma situação que nunca havia imaginado ter que enfrentar, até então. O intuito de seguir caminhando na senda do bem, do legal, como até ali vinha fazendo, parecia ser algo sem a menor consistência diante da corrupção generalizada que a imprensa trazia diuturnamente à público. Sua luta interna quanto a topar roubar um banco ou deixar de fazê-lo por convicção, quando ele voltava seus pensamentos para esses acontecimentos de corrupção generalizada, ela, sua luta interior se tornava adelgada, tênue e sem o menor sentido. Porque seria tão errado um furto dirigido a um só ente, no caso um banco, quando a corrupção nos moldes que vinha sendo feita, executada, atingia a milhares, milhões de pessoas ao



mesmo tempo, privando-as de educação, saúde e segurança? Não havia comparação possível e imaginária que pudesse ser feita diante de tão disparatadas situações...

Ponderações feitas, após encarar os fatos com um senso de realidade bastante apurado, como era do seu feitio, mesmo tendo todos esses exemplos negativos vindos de cima, exemplos negativos provenientes de autoridades e políticos, Aranruês estava inclinado a decidir-se em continuar seguindo sua trilha, aquela que vinha seguindo desde então. Nisso tudo, haveria uma situação desconfortável com essa inclinação de continuar seguindo a trilha do bem, que era a resposta que daria aos rapazes pela qual, teria decidido não topar participar do roubo de que falavam. Não podia aquilatar qual seria a reação dos rapazes diante da sua negativa de participação, porém ele realmente estava bastante inclinado a não participar.

Até então, não sabia da posição do José Bento. Com ele, diretamente, não havia falado. Soubera por Pedrinho e de certa forma também por Grupa, que ele, José Bento, iria participar do furto. E Amarildo? Ninguém nem mencionou o nome dele e, ele estava lá naquela noite. Assim, deveria ter se envolvido na conversa e dela também sabia. Participaria? Gostaria de saber. Teria que perguntar para certificar-se sobre isso.

No dia seguinte não mais voltaram a falar sobre o assunto, somente perguntaram-lhe porque não aparecera para bebericar com eles. Aranruês disse-lhes que não estava a fim de beber naquela noite e portanto ficara em casa vendo TV e ajeitando

suas coisas. Não adiantou aos rapazes a sua decisão nessa ocasião, nem deixou que percebessem sua intenção de não participar.

No fim do dia, trabalho findado, sirene de fim de dia já havia anunciado o fim do labor, os funcionários dirigiam-se, em fila, para bater o ponto. Como existiam diversos relógios de ponto, assim existiam diversas filas. E os rapazes da pequena turma de Aranruês não pertenciam à mesma fila.

Aranruês estranhou a situação que encontrou, pois que ao procurar pelo seu cartão de ponto na chapeira, o mesmo não estava no lugar usual e havia um pequeno comunicado para que comparecesse no outro dia, pela manhã, no departamento do pessoal. Não podia imaginar do que poderia se tratar. Porém, de nada adiantava ficar matutando. A coisa seria explicada pela manhã, no outro dia.

Já fora do perímetro da fábrica Aranruês encontrou o Grupa e com ele caminhou no sentido de sua casa. Ambos moravam na mesma direção. Embora não estivesse curioso sobre o comunicado que havia recebido de seus empregadores, perguntou a Grupa se ele sabia de alguma coisa à respeito. Para sua surpresa, Grupa também havia sido convocado a ir ao departamento do pessoal, também recebera o cartão de convocação. A diferença é que o Grupa somente deveria ir na parte da tarde. Portanto, por toda lógica do mundo, trabalharia na parte da manhã do dia seguinte.

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

